


Religião: agente de fronteira entre o sagrado e o profano

Marcos Henrique Camargo

Universidade do Estado do Paraná (UNESPAR), Curitiba, Paraná

 <https://orcid.org/0000-0002-3372-8095>

E-mail: marcoshcamargo@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar características das religiões como intermediárias das relações humanas entre os universos sagrado e profano. Neste sentido, analisa a evolução das religiões, principalmente o cristianismo e suas teologias vinculadas às filosofias greco-romanas, especialmente o neoplatonismo de Plotino. Com isso, o cristianismo se distancia do universo do sagrado para a esfera do profano, ao negligenciar as relações com o sagrado, para se dedicar à disciplina do corpo do cristão no mundo profano.

Palavras-chave: Religião, Cristianismo, Sagrado, Profano, Umbanda.

Religion: border agent between the sacred and the profane

Abstract: This article aims to present characteristics of religions as intermediaries of human relations between the sacred and profane universes. In this sense, it analyzes the evolution of religions, especially Christianity and its theologies linked to Greco-Roman philosophies, especially the neoplatonism of Plotinus. With this, Christianity distances itself from the universe of the sacred to the sphere of the profane, by neglecting relations with the sacred, to devote itself to the discipline of the body of the Christian in the profane world.

Keywords: Religion, Christianity, Sacred, Profane, Umbanda.

Texto recebido em: 24/03/2023

Texto aprovado em: 10/05/2023

Introdução

Em certo sentido, são os mitos que nos permitem vislumbrar os motivos pelos quais as religiões tiveram (e ainda têm) tanta importância na constituição das culturas humanas.

Como é sabido, os mitos trabalham sentidos, por meio de metáforas – os mitos não buscam pela verdade factual, mas pelo sentido da vida em um mundo caótico e cheio de mistérios. Antes das religiões, são as mitologias, entre gregos, hebreus, romanos e outros povos, que vão fazer as ligações do mundo sagrado dos deuses (a natureza) com o mundo profano dos homens (a cultura), a partir de narrativas como as da expulsão do paraíso (Bíblia) ou do fogo de Prometeu

(mitologia grega) – os vários mitos de expulsão do paraíso simbolizam a busca do homem pelo seu lugar no mundo. Várias culturas narram a fuga dos humanos de um estado de natureza (o paraíso inconsciente dos animais) para um estado consciente em que o aparecimento da razão (pensamento lógico-dedutivo) vai produzir o lugar do humano no mundo (a profanidade).

No entanto, é preciso cuidar para não gerar aí uma dicotomia (dualidade) inexistente: a cidade humana (o mundo profano) não se opõe ao mundo sagrado (natureza), porque é o lugar dos humanos em natureza. Devemos ter em mente de que não saímos do mundo natural, porque somos corpos que vivem do que a natureza nos oferece. É nesse sentido que, vez por outra, precisamos dar vez e vaza aos reclamos da sacralidade (natureza) que vive em nós.

A saída do paraíso

Essa “expulsão” do paraíso inconsciente da natureza foi engendrada pela aculturação lenta, mas progressiva, primeiramente dominada pela mulher. Enquanto os humanos caçavam e coletavam, parte das mulheres permanecia nos acampamentos cuidando dos filhos, aperfeiçoando a linguagem em conversas com outras mulheres, ensinando a fala aos menores, criando artefatos, cestas, vestimentas de pele, instrumentos cortantes, fogo, cozimento, isto é, produzindo cultura – por essa razão, simbolicamente, é a mulher que primeiro experimenta o fruto do conhecimento, como narra o Gênesis, livro da Bíblia – Eva serve-se do fruto do conhecimento, ofertado pela serpente (símbolo arcaico da sabedoria), para somente depois ofertá-lo ao homem.

A ampliação dos instrumentos tecnológicos produzidos pela aculturação vai aos poucos tornando os humanos mais independentes da natureza, ao contrário dos demais animais que dependem exclusivamente do mundo natural. No espaço de muitas gerações, essa independência cria o lugar da humanidade em natureza.

diferentemente do animal, que vive no mundo estabilizado pelo instinto, o homem, pela carência de sua dotação instintiva, só pode viver graças à sua ação, que logo se encaminha para aqueles procedimentos técnicos que recortam, no enigma do mundo, um mundo para o homem. A antecipação, a idealização, a projeção, a liberdade de movimento e de ação, em suma, a história como sucessão de autocriações tem na carência biológica a sua raiz, e no agir técnico a sua expressão. (GALIMBERTI, 2006, p. 9)

O domínio da natureza, ainda que limitado, desenvolveu entre os humanos uma qualidade inexistente nos outros animais: a capacidade de escolha e o poder de decisão: a consciência. Por conta de sua tecnologia e cultura, os humanos puderam decidir para onde ir e escolher quanto permanecer, diferentemente dos outros animais que sempre estiveram submetidos a seus *habitats*. Neste sentido, enquanto os animais são dotados de leis internas que conduzem seus comportamentos e atitudes (os instintos), os humanos se veem destituídos dessa instintualidade natural devido sua opção pela cultura. Então, de modo a substituir os instintos, somos criando, externamente, as instituições, os interditos, tabus, pecados, na forma de uma *lei*¹, que submete a todos e sustenta a comunidade.

Não sendo dirigidos internamente pelos instintos e podendo direcionar a energia de suas pulsões para os mais diversos fins, os humanos se viram na contingência de criar regras externas, acordos, direitos e proibições. Sem a rigidez dos instintos, a liberdade de ação humana foi levada a negociar seus desejos, vontades e o egoísmo, de modo que todos pudessem conviver, formando as coletividades humanas.

Segundo o que Sigmund Freud (1856-1939) propôs, o sacrifício de certa cota de satisfação pulsional² é o preço que se paga pelo acesso à comunidade humana. O gozo pleno do instinto só é possível aos outros animais, porque eles não foram condicionados pela formação da consciência.

Assim, quando emergem os primeiros lampejos da linguagem, da tecnologia e da vida comunitária, se esboça o lugar da humanidade em natureza – o mundo profano.³ A partir daqui os humanos não estão mais sujeitos integralmente à natureza (mundo sagrado), gerando então uma crescente separação entre o mundo sagrado e o mundo profano.

O universo do sagrado

O sagrado é o lugar do *indiferenciado*, onde o bem e o mal, o justo e o injusto, o bendito e o maldito se con-fundem, e do que, em sua evolução, a humanidade se emancipou, sem no entanto poder suprimir o fundo enigmático e obscuro de onde se originou. (...) Do sagrado, o homem tende a distanciar-se, como acontece com aquilo que se teme, e ao mesmo tempo, é atraído para a origem da qual um dia se emancipou. (GALIMBERTI, 2012, p. 9; 13)

Ao contrário do que pensa o senso comum, o mundo sagrado não é caracterizado pelo amor, bondade, serenidade ou justiça. Antes o inverso, o sagrado que se manifesta em natureza desconhece o certo e o errado, o justo e o injusto, o bom ou o mal. A natureza tanto cria, quanto mata, leões não são assassinos quando abatem suas presas, a seleção natural não se pauta uma por ética – não existem regras morais no mundo natural (sagrado). Basta nos lembrar dos antigos deuses que tanto agraciavam, quanto amaldiçoavam, sem qualquer motivo aparente. Por conta da ausência de leis e ordens no âmbito do sagrado, os humanos precisaram empreender uma longa viagem de saída (expulsão do paraíso) da sacralidade da natureza, de modo a construir a cidade humana.

Esse distanciamento do sagrado permitiu aos humanos construir comunidades baseadas em regras, leis, tabus, interditos e permissões, criando morais e hierarquias capazes de designar papéis sociais a todos e manter unidos os grupos humanos. Por outro lado, como o sagrado está em nós, devido nossas origens nele, instituímos desde muito cedo locais, dias, rituais e mitos para nos referir a essas forças enigmáticas, encerradas em templos específicos e geridas por pessoas designadas como “sacerdotes”, aquele ou aquela que se doa ao exercício do sagrado – de modo a sacralidade não transborde sobre as fronteiras da cidade humana. Portanto, a separação “higiênica” entre o sagrado e o profano é que tornou possível a civilização.

o espaço que o homem subtrai à violência do divino, é o trabalho da razão que, instaurando as diferenças, se distancia progressivamente da violência do indiferenciado. A diferença, de fato, é que o homem deve arrancar de Deus e defender a todo custo. Nessa corajosa defesa, na qual está o seu sofrer, o homem se institui como homem, e Deus como Deus. (GALIMBERTI, 2006, p. 49)

Enquanto para o sagrado tudo é belo, bom e justo, o assassinato e a violência têm o mesmo valor que a concórdia e a paz – no âmbito do sagrado todas as coisas têm o mesmo valor, ou valor nenhum. Por conta disso, a cidade humana (profanidade) precisou instaurar a diferença entre o bom e o ruim, o justo e o injusto, o certo e o errado. Este é o trabalho da razão, que permite diferir as atitudes e as coisas dando a elas um sentido próprio, permitindo a manutenção da comunidade humana através de leis, mandamentos, tabus, interditos e permissões.

A razão não surge para instaurar a verdade, mas para estabelecer a diferença, com o luxuoso auxílio da linguagem, que ao nominar cada elemento do universo humano garantiu que uma coisa seja ela mesma, e não outra. Os animais

que vivem no mundo sagrado da natureza estão integrados perfeitamente na paisagem onde habitam, mesclando-se a ela como uma engrenagem do sistema, mas os humanos não enxergam a paisagem, senão apenas árvores, arbustos, vales, riachos, montes, céu e sol – ao fragmentar o mundo por meio das palavras e dos símbolos, os humanos se destacaram da unidade com a natureza, delimitando a si e às coisas em sua volta.

Assim como as coisas, também os gestos entre os humanos são nomeados e hierarquizados: o bem acima do mal, o certo ao invés do errado, a justiça contra a injustiça. A capacidade de estabelecer a diferença produziu a cultura humana.

O mundo profano

O crescente uso da razão entre os humanos foi lento e gradual, na medida em que se sedimentavam as coisas e atitudes como sendo danosas ou justas aos membros do grupo humano. Matar, roubar, ferir, mas também ajudar, defender e cuidar foram ações que ganharam valor negativo e positivo, respectivamente. Leis, mandamentos, ordenamentos foram sendo desenvolvidos durante milênios, para garantir a resiliência das comunidades humanas. Dar sentido ao que não tem sentido (o sagrado) conduziu a humanidade ao mundo profano da lógica e da razão.

Enquanto os humanos foram significando o mundo com a linguagem, nomeando e diferenciando as coisas, mais e mais foram se afastando do mundo sagrado, de suas origens no fundo das florestas e savanas. Alguns povos, como os hebreus, depois os cristãos e os muçulmanos tentaram resolver o divórcio entre o profano e o sagrado fazendo crer a seus adeptos que as ordens, legislações e mandamentos vieram do mundo sagrado, em direção ao mundo profano, por meio de revelações de profetas e do ensinamento de sacerdotes. Porém, essa mistura entre o sagrado e o profano acabou em um desentendimento ainda maior entre esses dos mundos.

Onde existe ordem, de fato, onde existe lei não existem deuses, mas mundo. As leis garantem a legibilidade do mundo, exatamente porque abole o mistério que se encontra além de qualquer possível leitura. Quando a imagem de Deus se torna legível, Deus já abandonou a cena, que imediatamente é ocupada por aqueles que, em nome de Deus, praticam a história como constituída de paz e guerra, como política e cultura, como moral e comportamento, presos a um tempo que não se descola de si mesmo e é desabitado por Deus. (GALIMBERTI, 2012, p. 117)

Desde antes dos babilônios e egípcios, os sacerdotes e profetas já haviam percebido com clareza, que sua atividade era vital para a sustentação da comunidade humana. De modo que sua classe social (dos sacerdotes e profetas) se avizinhou do poder e de seus benefícios. Mas, para isso os sacerdotes precisavam entregar um serviço de valor para os dirigentes – a obediência e o consentimento do povo.

Algumas religiões, portanto, deixaram de lado sua principal atividade, qual seja, a de ser a negociadora entre as dimensões do sagrado e do profano, para se dedicar à disciplina dos corpos humanos, inventando pecados e más condutas que deveriam ser evitadas, para que não sobreviesse aos pecadores a ira dos deuses.

O poder do sacerdócio

Assim, tem início uma lenta e gradual profanação do mundo sagrado. Em outras palavras, uma racionalização dos mistérios da religião⁴, como forma de transmitir as “intenções” dos deuses para comunicá-las ao povo. A tradução dos mistérios do sagrado para compreensão humana conduziu a religião a um contínuo afastamento do universo sagrado (que não é traduzível) – com a imposição de leis, ordens e mandamentos bem humanos, embora atribuídos aos deuses, pelos sacerdotes que os ensinam.

Evidências de que as relações com o sagrado eram diferentes ainda podem ser observadas em algumas tragédias gregas que chegaram até nós com imagens sobre a antiga compreensão que havia entre o sagrado e o profano, diferentemente da progressiva racionalização empreendidas pelo judaísmo, cristianismo e islamismo.

Cassandra, no *Agamenon* de Êsquilo, procede à exposição agônica de uma visão quando no estado de *entheos*, invadida por Apolo. Se as palavras dela são ‘sem perfume nem adorno’, isso não acontece porque a visão típica que ela expressa fala de um desastre futuro, mas porque a experiência sibilina do *enthousiasmos*⁵ é ela mesma uma forma de sofrimento, uma espécie de violação ou estupro espiritual. (KAHN, 2009, p. 170)

Cassandra, talvez a mais famosa *sybilla*⁶ da mitologia grega, na peça de Êsquilo, entra em contato com o mundo sagrado para receber uma mensagem. Porém, essa ligação que Cassandra obtém com os deuses não é prazerosa, antes

pelo contrário, é um sofrimento agonizante, que carrega o perigo da perda da própria identidade pessoal – é por isso que por muito tempo se acreditou que os doentes mentais eram tocados pelos deuses.

Cassandra se oferece em sacrifício oracular para permitir a invasão de seu corpo pelo deus Apolo, com a intenção de ser aconselhada pela divindade. Esta atividade sagrada – vista em possessões espirituais em terreiros de umbanda, por exemplo – é muito penosa para os humanos, porque nossa racionalidade é abolida (em meio ao fenômeno), motivo pelo qual as mensagens são sempre enigmáticas, ou seja, a informação proveniente do sagrado é muito mais uma sensação do que uma locução verbal. Daí o necessário trabalho de interpretação realizado pelos sacerdotes.

Sibilas, pitonisas, mães de santo trabalham nas fronteiras entre o sagrado e o profano, são agentes de uma alfândega misteriosa, mas também perigosa. O contato com o sagrado não pode ser realizado por qualquer curioso desavisado. O sagrado não se confunde com explicações racionais, é desprovido de sentidos, e não pode ser capturado pela rede de conceitos da linguagem. O sagrado é inconcebível e inominável, e só pode ser acessado pelo corpo das sacerdotisas e sacerdotes, quando em estado de *enthousiasmos*, que permanece como o elo humano com o inconsciente natural (o sagrado). Em vista disso, o que tem sido escrito sobre o mundo sagrado ou sobre a natureza de Deus são apenas racionalizações, cogitações e conceitualizações demasiado humanas, que não contêm sacralidade – explicar o sagrado significa perdê-lo de vista.

Na Europa e em parte do oriente próximo, as ideias e as experiências cristãs do sagrado – em princípios desta era – já haviam sido quase completamente racionalizadas, transformadas em discursos moralistas para a contenção do povo como massa obediente a seus governos imperiais. Ao final do período helenista, por volta do ano 300 desta era comum, as religiões já haviam invadido quase completamente o espaço racional que fora ocupado pela filosofia greco-romana, por mais de 700 anos.

Quais são os aspectos que podem ser sistematizados desse último período da filosofia antiga (filosofia helenística – século III a.C. ao século V)? 1. As filosofias deixam de ser filosofias no sentido clássico. O objetivo principal da especulação filosófica passa a ser a salvação da alma e a prescrição do caminho para a identificação com o divino. 2. Dada a transcendência absoluta de Deus, o conhecimento discursivo e conceitual, característico da filosofia clássica é preterido em nome de explicações místicas, que tentam explicitar a identificação com Deus ou o entendimento sobre Deus por caminhos

não racionais. O discurso racional muitas vezes passa a ser uma espécie de linha auxiliar no caminho da salvação. 3. A maioria das concepções que partem da ideia da existência de um Ser Supremo de cujo poder tudo se origina deposita na matéria sensível características negativas. Ela é entendida como escassez, ausência de bem ou é identificada com o mal. 4. Assim, o corpo se insere, na melhor das hipóteses, como o parceiro canhestro da alma ou, em última instância, como a porta do mal ou até mesmo o mal. 5. A salvação da alma implica a libertação da matéria sensível em geral e da corporal em particular. Em vida, a alma individual deveria se esforçar por dar as costas às vontades, às emoções e aos desejos do corpo e buscar a aproximação com o ser divino. (MELANI, 2012, p. 33)

A ascensão do cristianismo

Não somente o cristianismo, mas várias outras religiões, como o zoroastrismo, maniqueísmo, se fizeram candidatas à religião oficial do Estado romano, que já lutava para manter sua coesão política e necessitava de uma “cola” social para evitar o colapso que ameaçava não só suas fronteiras, como a própria estrutura fundamental império. A organização interna, a coerência doutrinária (alcançada pela introdução do neoplatonismo em sua teologia) e a militância fervorosa fizeram do cristianismo a melhor opção estratégica para o império romano. A hierarquia cristã foi excepcionalmente hábil em ganhar a aristocracia do império ao se fazer semelhante a uma parte do pensamento greco-romano à época, o neoplatonismo.

A maioria dos doutrinadores cristãos, dos chamados membros da *patrística*⁷, migrou de algum movimento filosófico para o cristianismo, produzindo um fenômeno bem peculiar na história da filosofia. Esse fato por si só explica como, da parte deles, não houve outra saída senão apropriar-se da filosofia para a consecução dos próprios intentos; outro aspecto foi o modo como os filósofos não convertidos passaram a atacar filosoficamente a doutrina cristã, obrigando os convertidos a se defender e, em vista disso, reordenar filosoficamente questões fundamentais da doutrina (cristã). (SPINELLI, 2009, p. 351)

Com o intento político de se aproximar do poder e ser aceito na sociedade romana, o cristianismo adotou vários discursos metafísicos de autores clássicos, como Platão, Aristóteles, Plotino, fazendo-os assemelhar-se às doutrinas cristãs, de modo que parecesse aos bem nascidos do império que o cristianismo se tratava de uma consequência natural do pensamento greco-romano. Para tanto, os pensadores cristãos, posteriormente denominados pais intelectuais da igreja

(patristica), provenientes de movimentos filosóficos neoplatônicos, explicaram e racionalizaram as crenças cristãs para que elas coubessem no modo de pensar romano.

Tal é, para Agostinho, a essência do platonismo, e também a do cristianismo, como ele afirma citando certo número de passagens do Novo Testamento, opondo o mundo visível e o mundo invisível, a carne e o espírito. Mas, dir-se-á, qual é então a diferença entre o cristianismo e a filosofia platônica? Para Agostinho, ela consiste no fato de que o platonismo não pôde converter as massas e desprendê-las das coisas terrestres para orientá-las para as coisas espirituais. (...) Nessa perspectiva agostiniana, o cristianismo tem o mesmo conteúdo que o platonismo: trata-se de separar-se do mundo sensível para poder contemplar Deus e a realidade espiritual, mas unicamente o cristianismo pôde fazer adotar esse modo de vida pelas massas populares. (HADOT, 2004, p. 353)

Os líderes cristãos fizeram os romanos entender que além do cristianismo ser uma forma de platonismo popular, portanto, pertencente à cultura greco-romana, ainda auxiliava no controle social dirigindo a mente e a vontade dos súditos para o mundo espiritual, fazendo com que aceitem o sacrifício do trabalho escorchantes pela promessa da vida eterna em um paraíso de delícias, após a morte – não há crença melhor do que essa para o controle social.

O esforço dos pais da igreja cristã para amalgamar o cristianismo com o neoplatonismo da época foi fundamental para sua aceitação pelo império, porém dessacralizou o cristianismo, na medida em que encontrou soluções racionais para cada dogma cristão. Ao utilizar-se dos textos filosóficos para explicar as emanações do sagrado, no cristianismo, acabou-se por aproximar a religião da forma de pensar greco-romana, ou seja, um modo lógico e metodológico de investigar o mundo profano. De modo que, ao trazer o neoplatonismo para o interior da teologia cristã, os pais da igreja profanaram aquilo que deveria permanecer sagrado.

[A] partir do século III d.C., o neoplatonismo é, como síntese do aristotelismo e do platonismo, a única escola filosófica que subsiste. É esse discurso filosófico neoplatônico que os Padres da Igreja, depois de Clemente de Alexandria e Orígenes, hão de utilizar para desenvolver sua teologia. (...) A lógica e a ontologia aristotélicas, que o neoplatonismo integrara, fornecerão os conceitos indispensáveis para formular os dogmas da Trindade e da Encarnação, permitindo distinguir natureza, essência, substância, hipóstase. (HADOT, 2004, p. 359)

Ao ser logicizado, o cristianismo se afasta lentamente do mundo sagrado. Pois, no âmbito do sagrado não há conceitos, tudo é singular, não há alto, nem baixo, injusto ou justo. Quando os primeiros teólogos reformulam os dogmas do

cristianismo a partir de conceitos filosóficos, inadvertidamente, cindiram o sagrado, segundo o juízo profano dos homens, ao separar o bem, do mal; o corpo, do espírito; a justiça, da injustiça; o certo, do errado. Mas essas dicotomias (dualismos) não são sagradas, e sim profanas. Os humanos, para viver em sociedade, tiveram de criar conceitos, tabus, interdições, de modo que as pessoas soubessem o que é o certo a fazer e evitassem as coisas erradas ou injustas, e pudessem viver juntas, sem se aniquilar com a falta de entendimento. Moral, ética, costumes, portanto, são invenções profanas, jamais sagradas.

O diálogo com o sagrado

No universo do sagrado, segundo Heráclito⁸ (550-470), podemos ler como os antigos gregos acreditavam ser os deuses: “dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, saciedade e fome e se confundem com o fogo quando desprende fumos odoríficos, tornando-se às vezes seu próprio aroma”. Notemos que os pensadores pré-socráticos tinham noção das diferenças entre os mundos sagrado e profano. Os deuses (fenômenos do sagrado) não podem ser acessados pela razão humana, que divide e separa das coisas para seu controle. No mundo sagrado, os deuses podem ser qualquer coisa e também o seu contrário, porque estão além da medida racional, que organiza a vida profana dos humanos.

O universo do sagrado se manifesta muitas vezes em natureza. Basta olharmos como o mundo natural procede para alcançar seus fins e veremos ali a sacralidade de suas formas. Em natureza não existe assassinato, nem amor, não existe roubo, nem embuste, não existe guerra, nem morte. Mas os animais predam uns aos outros, acolhem seus filhotes, roubam alimentos uns dos outros, usam de camuflagem para enganar, destroem bandos concorrentes e morrem desde sempre. Há de tudo em natureza (mundo sagrado), inclusive o seu inverso. O que não há é a moral, os costumes, as leis, pois isso é característica do mundo profano.

O cristianismo, mas também o judaísmo e o islamismo, tornaram-se religiões dessacralizadas, porque abandonaram o exercício sagrado das sibilas e dos oráculos (com os quais se comunicavam com o sagrado), para investirem num programa brutal de normatização da conduta humana. Pelo fato de deter a missão de conter a população e discipliná-la em favor dos governos, o cristianismo tratou de ampliar o número dos pecados e concentrá-los no corpo do cristão – preferiu-se,

então, legislar sobre a genitália humana, ao invés de pesquisar sobre as manifestações do sagrado. O corpo do cristão tornou-se o lugar do pecado e sua submissão completa aos ditames da igreja a única forma de subir ao paraíso.

A vida do corpo – seu excesso pulsional – é percebida como um perigo permanente que deve ser desativado através de um congelamento e uma anestesia⁹ progressiva. A dessensibilização do corpo é o primeiro objetivo da ascese anoréxica: proteger-se do excesso ingovernável da vida pulsional por meio de sua esterilização, escolhe o sacrifício do corpo como um modo de assenhorar-se do corpo. (RECALCATI, 2017, p. 93)

O golpe de mestre do cristianismo foi introjetar a culpa na consciência do cristão, de modo que ele/ela se tornasse seu próprio algoz, dispensando a vigília e a punição externa por parte do governo. Colocando tudo de positivo no céu abstrato das almas, e tudo de negativo no corpo humano e no mundo real, o cristianismo promoveu a insensibilização das sensações humanas, transformando-as em pecados morais. Nesse processo, o cristianismo fixou suas ações e preocupações no cotidiano profano das pessoas, abandonando as formas de contato com o sagrado. A experiência sacra (ou divina) não pode ser produzida pelo intelecto, e nem se encontra nas abstrações idealistas onde se colocou o Deus cristão e seu panteão de santos, mas pode ser alcançada a partir dos exercícios que levam aos estados alterados de consciência, sob a superfície dos fenômenos naturais.

Muitas religiões pagãs, pré-cristãs, africanas e asiáticas sabem, desde sempre, que o sagrado não se encontra na abstração racional dos conceitos (que são da ordem do profano), mas se manifesta no corpo das coisas e pessoas, quando convocado por meio de procedimentos e rituais que são conhecidos e praticados por seus sacerdotes.

Ao cindir o mundo entre o bem e o mal, entre a justiça e a injustiça, entre a verdade e a falsidade, o cristianismo retirou Deus do mundo sagrado e entregou a humanidade a seu adversário: Satanás, nome proveniente da mitologia judaica. Ao divorciar completamente o mundo humano, do mundo de Deus, o cristianismo produziu um maniqueísmo tão exagerado, que impediu a cristandade de ver algo de positivo do corpo natural, como na própria natureza, que foi submetida a um processo de dominação tal, que a proteção do meio ambiente nos dias de hoje ainda é questionada por extremistas cristãos.

Separar o que é bom com Deus e o que é ruim, com seu adversário, negou ao sagrado sua possibilidade de ser tudo e também o seu oposto. Em outras palavras,

o Deus cristão é infinitamente bom e não tem qualquer jaça de maldade. Ora, isso traz uma dificuldade teológica insuperável, pois quando olhamos para o mundo e vemos tanta maldade sendo perpetrada, aliás, por muitos crentes em Deus. Com o tempo, essa dificuldade de explicar a maldade no mundo que teria sido criado por um Deus infinitamente bom acabou por produzir um tremendo disparate, com multidões de ateus descrendo do cristianismo como acesso legítimo ao sagrado.

Somos corpos e nossa corporeidade precisa ser conhecida, explorada e utilizada em favor de nossas vidas. Porém, quando o cristianismo nega qualquer positividade no corpo humano, não permite seu conhecimento, mas exige desse corpo um sacrifício sobrenatural, uma insensibilização que não é própria de nossa natureza.

O que caracteriza o ascetismo religioso? É considerar a vida um erro, negá-la e fazer dela uma ponte para outra vida, a vida verdadeira: invenção de um além para melhor caluniar um aquém; invenção de um outro mundo que só se explica pelo cansaço da vida que impera na moral, na religião, na filosofia. (...) Calúnia suprema da vida que, para tornar desejável essa negação da vida, supõe a existência de outra vida, de um mundo do além, de um mundo suprassensível. (MACHADO, 2002, p. 66)

Uma religião profana

É bem comum encontrar-se nas mais variadas religiões e crenças, citações e descrições sobre mundos além deste em que vivemos. Isso é comum entre os egípcios, greco-romanos, druidas, além, obviamente, das religiões orientais, como o budismo, lamaísmo etc. No entanto, apesar dessas religiões prescreverem certos comportamentos morais que facilitariam a ida do crente para esses paraísos, talvez não haja outra religião que exija tanto do crente, quanto o cristianismo.

A necessidade de negar vida e o corpo, para alcançar a vida eterna, é uma aposta muito perigosa, porque causa inúmeras desistências, já que as exigências da biologia são intransponíveis, até mesmo para o maior dos crentes. As neuroses e psicoses que acometem muitos cristãos são devidas à tentativa de seguir “puros” neste mundo de pecados e tentações. Mais do que isso, as instituições cristãs se esmeram em apavorar seus adeptos sempre apontando toda e qualquer atitude como pecaminosa, o que pode impedir sua ascensão aos céus. O “olho que tudo vê” (Deus) está observando cada um dos cristãos, em particular, anotando seus gestos,

especialmente o que os cristãos fazem com suas genitálias, para lançar na contabilidade da vida eterna, seu crédito e seu débito. Está na tradição cristã a frase, segundo na qual “Não cai uma folha da árvore, sem que Deus tenha conhecimento disso”. O que leva à errônea, porém popular crença de que “nada acontece por acaso ou por coincidência”. Aqui se encontra, então, a mais completa negação do sagrado, por parte do cristianismo. Pois quando tudo está previsto, designado e antecipado, o sagrado já partiu há tempos.

No mundo imaginado pelo judaísmo e pelo cristianismo, não existem acontecimentos autônomos, arbitrários. Todos os acontecimentos são parte do desígnio de uma divindade providencial, justa, boa: toda crucificação deve culminar numa ressurreição. Toda catástrofe ou calamidade deve ser encarada como algo que conduz a um bem maior, ou a uma punição justa e adequada, plenamente merecida pelo sofredor. (SONTAG, 1987, p. 162)

Desde que a teologia cristã considerou o chamado “velho testamento” (versão cristianizada da Torá judaica) como parte de sua estrutura religiosa, o termo “judaico-cristianismo” pode ser utilizado com correção. Neste sentido, grande parte da teologia cristã está baseada em pressupostos judaicos, para os quais nada há que lavé desconheça, assim como o Deus cristão. De modo que sendo tudo sob o escrutínio de Deus, não existe nada que seja ao acaso – não existem coincidências, como ressaltam os crentes. Se algo de ruim acontece ao cristão, com certeza Deus sabe disso e o mal sobreveio como castigo por um pecado cometido ou para testar a fé do crente. Se tudo está escrito nas estrelas, ou na mente de Deus, mais nada há que fazer, senão aceitar contrito a dor e a alegria que porventura a vida nos dê.

Esse fatalismo sempre foi muito útil à igreja e aos governos, pois redundava em aceitação da miséria, da dor, do sofrimento, sem revolta. O que resta ao cristão é a esperança de que ao suportar todo mal que lhe abate, esteja reservado a ele/ela um bom lugar na vida após a morte.

Aqui falamos de teologia cristã, judaica ou islâmica, mas não estamos nos relacionando com o universo do sagrado. Como já vimos anteriormente, sacralidade é uma condição que desconhece o bem ou o mal, o certo ou o errado, o justo ou o injusto, o belo ou a fealdade. Para o universo do sagrado tudo é bom, tudo é belo, tudo é justo.

O sagrado é origem, onde ainda não há lei nem ordem. Quando o sagrado penetra a cidade humana (mundo profano) e invade os corpos das sibilas, pitonisas, sacerdotes e médiuns, a cidade cai diante do caos criativo, os velhos agem como crianças, os homens enlouquecem, as mulheres se perdem e os governos caem. Por

isso é preciso manter a separação entre o sagrado e o profano. Para isso existem rituais, cerimônias, datas alusivas, lugares especiais, onde o sagrado se manifesta, contido em sua exuberância pela perícia dos sacerdotes.

Ao abandonar essas relações oraculares com o sagrado, o cristianismo racionalizou-se e permaneceu preso ao mundo profano da ordem e da lei. Assim, muito dos fenômenos em que o sagrado se apresenta a cada um de nós não conta com o amparo da religião cristã, sendo tratado, às vezes, como doença mental, quando de fato deveria ser acolhido por sacerdotes treinados em administrar essa fronteira.

Considerações finais

Lá atrás, desde antes do tempo linear, a religião surgiu como um conjunto de operações místicas e psicológicas, com o objetivo de “religar” o humano aos mistérios originais do sagrado, pois quando a humanidade se evadiu dos domínios da natureza para criar seu mundo profano, nunca eliminou de si suas origens sacras. Mediar essa religação intermitente com a sacralidade de nossa origem era a principal atividade das religiões antigas.

Infelizmente, quando o cristianismo foi racionalizado por uma teologia contaminada da lógica filosófica grego-romana, seus vínculos com o mistério da vida foram substituídos por um programa de comportamento moral voltado à vida profana, cuja inflexibilidade até hoje atormenta a psicologia de seus crentes. Neste sentido, o cristianismo não pôde mais oferecer aos seus adeptos uma profunda imersão nas instâncias inconscientes que se comunicam com a sacralidade da vida.

Religiões de matriz africana, como a umbanda ou o candomblé, diferentemente do cristianismo, não racionalizaram os fenômenos com os quais lidam e evitam intelectualizar as manifestações do sagrado, visto que seu objetivo não é prescrever uma conduta moral para o mundo profano, mas permitir aos adeptos experimentar um momento sagrado que escapa à logicidade da razão técnica que dirige nossas vidas.

Da mesma forma como as religiões greco-romanas pré-cristãs, a umbanda, por exemplo, está voltada a fazer a religação entre o sagrado e o profano, não apenas a partir de seus rituais, como das imagens que processa em suas cerimônias. A umbanda, como outras religiões de matriz africana, também se utiliza

das sibilas, pitonisas e oráculos para o contato com o sagrado, que está – da mesma forma como nas religiões greco-romanas – povoado de deuses (entidades espirituais) cada qual responsável por partes dos mistérios da natureza. Os terreiros de umbanda remetem a um ambiente natural, próximo das florestas, onde habita seu panteão de deuses.

Tal como no *enthousiasmos* de Cassandra, quando tomada pela potência de Apolo, os santos da umbanda se manifestam nos terreiros e são testemunhados pela audiência, na forma de danças, canções e gestos sem medida, mas produzidos pela energia criativa da sacralidade que ali se apossa dos médiuns, quando são apresentadas bençãos, tanto quanto predições e avisos para os presentes, cuja interpretação fica a cargo de cada um.

É nesse sentido que várias religiões de origem africana ainda guardam em seus mistérios e rituais as verdadeiras funções sacerdotais, que se concentram na gestão das fronteiras entre o profano e o sagrado.

NOTAS

- . O substantivo “*leĩ*”, aqui, deve ser entendido segundo a psicanálise, como o conjunto de valores de caráter ético, moral, social, político e econômico, que forma o regramento social da cultura em que o indivíduo está inserido. A “*leĩ*” é a ordem do coletivo, imposta, por vários meios e modos, a todos os membros do grupo social, por meio dos costumes, papéis sociais, comportamentos, noções de bem e de mal, de certo e de errado, de verdadeiro e falso. Essa “*leĩ*” veio para substituir (de fora) o regramento que o instinto natural (de dentro) fornece aos outros animais.
- ². No princípio de suas pesquisas, S. Freud se utilizava do termo “instinto” para se referir à libido, à vontade e aos desejos humanos. Porém, com o tempo, ele desiste do termo “instinto” e passa a se utilizar da palavra “pulsão”. Qual é a diferença? Instinto é uma resposta rígida a um estímulo, por exemplo, se dermos carne para uma vaca comer ela pode morrer de fome, pois se alimenta apenas de vegetais. A pulsão, por outro lado, é um impulso desejante que pode ser alterado. Um humano pode transformar a energia de seu desejo amoroso por outra pessoa (que não lhe corresponde), em um poema, em uma música ou qualquer outro projeto. Enquanto o instinto é inflexível, a pulsão é maleável. Mas, porque humanos têm pulsões, ao invés de instintos? Na medida em que adquirimos consciência aprendemos a escolher entre seguir a vontade ou direcioná-la para outro fim. Trocamos os instintos pelas pulsões com a ajuda da linguagem e da cultura (*lei*), que nos ensinaram a redirecionar nossos desejos. Porém, o fato dos humanos terem instintos fracos (pulsões) gerou a necessidade da *lei* e da linguagem para guiar nossas ações e orientar nossas atitudes.
- ³. Do latim *profanus*, de onde *pro* (diante de) e *fanus* (templo), significa aquilo ou aquele que está fora do plano do sagrado.
- ⁴. Palavra do latim, *religionem* significava desde os antigos um ato ou processo de “religação” entre o humano (profano) e o mundo sagrado. Outros etimologistas ainda acrescentam que “religião” também é toda ação ou cerimônia que consagra os vínculos comunitários entre os membros de uma comunidade, tais como os eventos civis.

5. Palavra grega que significa “estar inspirado por um deus”, “tomado por uma divindade”.
6. Palavra grega que significa “aquela que se aconselha com os deuses”.
7. Filosofia cristã desenvolvida nos quatro primeiros séculos, pelos “pais apostólicos” da igreja cristã. Consiste na adequação das verdades de fé do cristianismo aos preceitos e argumentos lógico-rationais das filosofias idealistas de origem greco-romanas. A patristica é a filosofia responsável pela elucidação progressiva dos dogmas cristãos, a partir de uma narrativa que simula a estrutura dos discursos filosóficos greco-romanos. Mas, não apenas isso – os pais apostólicos também conseguiram resolver, utilizando-se de argumentos filosóficos, alguns dos enigmas dos preceitos e tradições cristãs, esclarecendo passagens dos evangelhos e de outros textos do novo testamento, ampliando a argumentação em favor das verdades cristãs.
8. Filósofo grego, pré-socrático, considerado o pai da dialética. Recebeu o apelido de “Obscuro” pelo estilo enigmático de sua obra, próximo às sentenças oraculares. Heráclito é o pensador da frase “ninguém se banha no mesmo rio duas vezes, porque da segunda vez a pessoa e o rio serão outros”, sintetizando a ideia de um mundo em inconstante movimento, em oposição aos que defendiam a eternidade e imobilidade do ser.
9. Do grego *an-aisthesis*, significa a negação da sensação.

REFERÊNCIAS

- GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e technè: o homem na idade da técnica*. São Paulo: Paulus, 2006.
- GALIMBERTI, Umberto. *Cristianesimo*. La religione dal cielo vuoto. Milano: Giangiacomo Feltrinelli Editore, 2012.
- HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga*. São Paulo: Loyola, 1999.
- KAHN, Charles. H. *A arte e o pensamento de Heráclito: uma edição dos fragmentos com tradução e comentários*. São Paulo: Paulus, 2004.
- MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- MELANI, Ricardo. *O corpo na filosofia*. São Paulo: Moderna, 2012.
- MOSE, Viviane. *Nietzsche e a grande política da linguagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- MOSE, Viviane. *O homem que sabe: do homo sapiens à crise da razão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2011b.
- ONFRAY, Michael. *Contra-história da filosofia 1: as sabedorias antigas*. São Paulo: M. Fontes, 2008.
- RECALCATI, Massimo. *Contro il sacrificio: al di là del fantasma sacrificale*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2017.
- SONTAG, Susan. *Contra a interpretação*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- SPINELLI, Miguel. *Os caminhos de Epicuro*. São Paulo: Loyola, 2009.

Marcos Henrique Camargo é Professor de Graduação em Cinema e Audiovisual, Artes Visuais, Artes Cênicas, Música e Dança na Universidade do Estado do Paraná (UNESPAR). Pós-Doutor pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).

Como citar:

CAMARGO, Marcos Henrique. Religião: agente de fronteira entre o sagrado e o profano. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 19, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 2023. Disponível em: pem.assis.unesp.br.